

Afrânio Peixoto: o embate entre a medicina e a literatura acerca do conhecimento médico no início do século XX

Afrânio Peixoto: the dissension between medicine and literature about the medical knowledge in the early 20th century

Alexandre A. Lima*

Resumo

Nosso objetivo neste artigo é resgatar a problematização feita por Afrânio Peixoto (1876-1947) acerca do conhecimento médico e do fazer literário sobre a loucura e suas variações, desenvolvida em seu prefácio à *Miss Kate*, obra de ficção escrita em 1909 por Araripe Júnior (1848-1911).

Palavras-chaves

Afrânio Peixoto. Medicina. Literatura.

Abstract

In this article, our aim is to rescue the questioning made by Afrânio Peixoto (1876-1947) about the medical knowledge and literary concern about the mental illness and its variations, developed in his preface to *Miss Kate*, a fiction book written in 1909 by Araripe Junior (1848-1911).

Keywords

Afrânio Peixoto. Medicine. Literature.

* Possui graduação em história pela Universidade Metodista de Piracicaba (1996), mestrado em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (2004) e doutorado em Literatura Luso-Brasileira pela Universidade of Texas at Austin (2011). Tem experiência nas áreas de História e Literatura, com ênfase em Estudos Comparativos e Teoria e Crítica Literária, atuando principalmente nos seguintes temas: História Intelectual, Literatura brasileira e argentina – história e crítica, Estudos Culturais na América Latina e Espanha, História do Conhecimento Científico, Psicologia, Política, Século XIX.

Afrânio Peixoto teve uma presença marcante no campo intelectual da primeira metade do século XX, tanto acadêmico quanto político, sobretudo na área das ciências médicas, cujos estudos eram voltados para a medicina legal. Exerceu as mais variadas funções, dentre as quais a de professor, político, crítico, ensaísta, romancista, historiador literário, acadêmico, bem como criminalista¹. Sua tese de doutorado, publicada em 1898 com o título “Epilepsia e Crime”, contribuiu para o avanço da Medicina Legal que já vinha sendo desenvolvida no Brasil por Nina Rodrigues (1862-1906). Porém, se em seu doutorado Afrânio Peixoto se alinhava ao cientificismo da época, que vinha ganhando terreno até então ocupado pela produção literária em relação às investigações acerca dos problemas da sociedade brasileira, no prefácio à *Miss Kate* ele assume uma postura diferente e trata de atacar o campo científico para exaltar o da ficção, especialmente no que tange à pesquisa de determinadas doenças mentais, em um momento no qual estas duas esferas, até então unidas, especializavam-se e se distanciavam uma da outra.

Segundo Dominichi Miranda de Sá², o início do século XX é marcado por mudanças conceituais que transformaram o universo intelectual da época. Para a autora, os velhos critérios de reconhecimento intelectual passaram a sofrer uma série de questionamentos. A eles permaneciam ligados os chamados “letrados”, conhecidos como bacharéis ou doutores, diplomados em ciência e letras pelos colégios secundários, bem como pelas escolas superiores de direito e de medicina, pelos cursos científicos da Escola Politécnica e da Escola Militar, seguindo carreira nas mais diversas áreas: política, administração pública, engenharia, medicina, magistério, advocacia, magistratura etc³.

Ainda conforme a autora, a tradição intelectual à qual pertenciam estes “homens de letras” era vinculada ao ideal iluminista. Nutridos por um desejo de conhecer e desvendar os mistérios e segredos da natureza, colocavam a “razão” a serviço da humanidade, como sinônimo de virtude e de conhecimento voltado para o “cultivo da mente e do espírito”, e contra a “ignorância e o erro” em busca de resultados “justos e corretos” sobre a sociedade. Desta forma, motivados por um entendimento da totalidade do universo, a formação intelectual daqueles que viviam

¹ Este artigo é um desdobramento das investigações realizadas durante minha dissertação de mestrado defendida na UNICAMP em 21/05/2004, cujo título é “A literatura e o corpo na obra de Araripe Júnior: um estudo sobre a relação entre insanidade e atividade literária no final do século XIX”.

² SÁ, Dominichi Miranda de. *A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

³ *Ibid*, p. 23.

sob o regime da tradição iluminista deveria ser a mais ampla possível, permitindo um ecletismo do letrado a ponto de autorizá-lo a tratar e a discorrer sobre qualquer assunto, tais como matemática, física, biologia, química, medicina, literatura, botânica, geologia, eloquência, agricultura, história, entre outros⁴.

Assim, é possível afirmar que nessa tradição do conhecimento os campos epistemológicos, há pouco mencionados, não eram estruturados de maneira compartimentalizada e isolada entre si, ao contrário, mantinham uma permanente e criativa comunicação, já que eram concebidos em um mesmo espaço teórico unitário. Ademais, não havia no pensamento iluminista uma incompatibilidade entre a construção do conhecimento e a tomada de atitude. Estas duas posturas perante a realidade estavam unidas a ponto de uma estimular a outra, já que o “conhecer a verdade” de um determinado fenômeno da sociedade implicava, necessariamente, não apenas em transmiti-la aos menos esclarecidos, mas em empreender uma mudança na realidade social:

Era indissociável da cultura letrada a intenção de compreender e modificar a natureza e a sociedade em conjunto e por intermédio da reunião de conhecimentos sobre os climas, os costumes, as raças, a flora e a fauna. Como se percebe, não se conheciam, então, as múltiplas divisões epistemológicas estabelecidas no pensamento europeu apenas no século XIX⁵.

Por conseguinte, imbuídos de um “senso de missão” regenerador e de um orgulho de fazer parte de uma classe que os colocava acima dos demais indivíduos, detendo um saber supostamente completo e universal sobre o mundo, estes letrados se ocupavam dos mais variados temas que faziam parte de uma agenda nacional pautada pela busca e compreensão da identidade brasileira, como a escravidão, a Guerra do Paraguai, a imigração, a política, os problemas referentes às repúblicas vizinhas, a formação do Estado laico, a liberdade, a educação, as questões de ordem racial, a saúde da população, o progresso do país etc.

Esta tradição brasileira “humanista” havia se iniciado com a vinda da família real ao Brasil em 1808, como demonstram a criação da Imprensa Régia, do Museu Nacional, da Escola Real de Artes, da Biblioteca Nacional, dos periódicos, das instituições de ensino, sobretudo de cursos superiores na área da agricultura, medicina, química etc., tanto na cidade de Salvador como no Rio de Janeiro, com o objetivo de formar, inclusive durante as primeiras décadas do período republicano, como foi o caso do Colégio Pedro II em 1837, uma elite política e intelectual que

⁴ Ibid, p. 36.

⁵ Ibid, p. 37.

deveria ocupar um lugar na estrutura administrativa do país⁶. Essa elite letrada que surge deste fomento cultural e científico assumirá para si a responsabilidade sobre a sociedade brasileira, tendo a atividade intelectual como instrumento de “ação civilizatória”, mudança e controle social. Entretanto, de acordo com Flavio Coelho Edler, não haveria por parte dela uma simples apropriação de saberes que vinham direto de outros países, como alguns autores procuram defendervisto que instituições como as Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia estavam implicadas na produção, revisão e convalidação de conhecimentos sobre a sociedade brasileira do Império a partir dos mesmos critérios de reconhecimento do trabalho científico utilizados em países como a França, a Alemanha e os Estados Unidos⁷.

Sob a tradição iluminista também teria surgido a “Geração de 1870”, movimento intelectual que determinou grande parte da produção literária da época, cujo sentimento de modernização era apoiado no cientificismo do período, ainda no regime monárquico, da qual faziam parte Joaquim Nabuco, Alberto Salles, Sílvio Romero, Lopes Trovão, Silva Jardim e Araripe Júnior, para citar os mais proeminentes. O contexto histórico estava marcado por grandes tensões sociais, como o esgotamento da monarquia e do sistema escravocrata, as revoltas e medidas judiciais contra os senhores de escravos, as campanhas abolicionistas e republicanas, a imigração estrangeira, o êxodo rural e o aumento da população nos centros urbanos – em grande parte devido aos negros ex-escravos egressos do campo –, o conflito entre as elites político-financeiras etc. Para enfrentar estas questões, os intelectuais da geração de 70 defendiam as prerrogativas científicas, como o olhar objetivo sobre a realidade apoiado nos saberes das mais diversas áreas científicas ainda incipientes, em oposição à linguagem romântica personificada e amparada na imaginação que até então predominava no meio literário, sem, no entanto, se afastar da “verve artística”, unindo dessa maneira literatura e ciência, programa que tanto o movimento conhecido como Realismo quanto o Naturalismo procuravam realizar⁸.

Durante a passagem do século XIX para o XX, contudo, o cenário intelectual sofreria algumas mudanças significativas no que diz respeito à

⁶ FERREIRA, Luiz Otávio; FONSECA, Maria Rachel Fróes da; EDLER, Flávio Coelho. A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no século XIX: a organização institucional e os moldes de ensino. In: DANTES, Maria Amélia M. (org.). *Espaços da Ciência no Brasil: 1800-1930*. Rio de Janeiro: Fiocruz, p. 59-77 e p. 62-63, 2001.

⁷ EDLER, Flávio Coelho. A medicina acadêmica imperial e as ciências naturais. In: HEIZER, Alda e VIDEIRA, Antonio Augusto Passos (orgs.). *Ciência, civilização e império nos trópicos*. Rio de Janeiro: Access Editora, p. 97-122, 2001.

⁸ SÁ, Dominichi Miranda de, op. cit., p. 35-40.

construção do saber. Um sintoma deste processo foi a maneira sarcástica pela qual a tradição iluminista e os intelectuais a ela vinculados passaram a ser atacados nos jornais e revistas da época por meio de termos como “saber enciclopédico”, “homens de letras”, “bacharéis”, “eruditos”, “retóricos”. Tidos como detentores de uma “inteligência assimiladora”, mestres da oratória com a qual enfeitiçavam plateias inteiras, eram também chamados de “políglotas”, “pregadores”, “conferencistas”, “glosadores”, por serem percebidos agora como “antimodernos”. Seus delatores eram os novos personagens sociais, como técnicos e especialistas, que buscavam “notoriedade pública” mediante atuação nas esferas intelectual e profissional, dentre os quais se encontrava Afrânio Peixoto.

Entretanto, era justamente a união entre literatura e ciência, que caracterizava a mentalidade enciclopédica da geração de 70, que começava a ser questionada, na medida em que avançava a “autocaracterização da literatura” a partir de um anseio pela profissionalização da arte por meio do resgate de determinados princípios que haviam sido repelidos do universo literário, os quais, acreditava-se, eram sua própria razão de ser, para que cedessem espaço aos fundamentos científicos, como demonstram as obras *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, e *Canaã*, de Graça Aranha:

Entre o romantismo do século XIX e o modernismo do século XX, houve um esforço pela autocaracterização da literatura, e seu ápice foi a oposição entre os escritores de estilo faustoso e aqueles que primavam pelo lado instrumental das suas obras. Antagonismo este que fez nascer entre os literatos do novecentos a necessidade de defender preceitos artísticos tanto contra o jornalismo e contra o uso da terminologia científica consagrada pelo naturalismo quanto ainda contra o partidarismo em questões políticas e sociais, motivação alçada ao máximo em 1902 com o lançamento de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, e *Canaã*, de Graça Aranha.⁹

Portanto, um levante se iniciou no meio literário na virada do século no intuito de promover uma especialização da literatura, cujos maiores representantes foram Machado de Assis e José Veríssimo, contra o cientificismo que havia se infiltrado na literatura desde a geração de 1870, bem como a vulgarização da atividade literária nos jornais e revistas, como a escrita apressada e descuidada. O marco que representou este movimento de busca de uma “certa tradição literária perdida” teria sido a criação da Academia Brasileira de Letras em 1897 pelos mais renomados escritores da época que se reuniam em torno da *Revista Brasileira*, dirigida por Veríssimo entre 1895 e 1899. Com a criação desta instituição, procurou-se garantir um espaço institucional à atividade literária, transformando-a

⁹ Ibid, p. 66-67.

em uma “profissão remunerada e reconhecida”, entendida como a arte da escrita, do bem dizer, da linguagem trabalhada como expressão da beleza, como virtude da imaginação e como representação ficcional da sociedade voltada para o conhecimento do espírito humano, valores que, segundo Veríssimo, deveriam nortear os escritores. Estes, por sua vez, entregues ao deleite e ao prazer da escrita, autodefinindo-se como “puro-literatos”, não hesitavam em afirmar que, guiados pela imaginação, o que faziam era mera ficção e recreação, cujo propósito era o de idealizar e corrigir a realidade social da cidade do Rio de Janeiro, principalmente a da alta elite carioca, como era o caso de Coelho Neto em *A Conquista* (1921), Sud Menucci em *Alma Contemporânea: ensaios estéticos* (s.d.), Paulo Barreto (João do Rio) em *A Alma Encantadora das Ruas* (1910), Raul Pederneiras em *Cenas da Vida Carioca* (1924) e o próprio Afrânio Peixoto em *A Esfinge* (1911), entre outros¹⁰.

Porém, se por um lado buscou-se distinguir a literatura em relação ao saber científico pelas qualidades que pertenciam à sua suposta natureza, como a virtude e o exercício imaginativo, bem como a recreação, por outro procurou-se retirar a ciência dos domínios literários por entender que ela seria incompatível com o que passava a representar a literatura, mas também pelos novos pressupostos científicos que passariam a defini-la e que faziam parte do bojo das novas matrizes científicas sobre as quais o regime republicano, instaurado em 1889, procurava se assentar¹¹.

Segundo José Jerônimo de Alencar Alves, uma das características deste novo movimento científicista era o ideal de se fazer uma “ciência pura” que não estivesse comprometida com nenhum utilitarismo ou com a aplicação prática do saber, mas com valores éticos e estéticos ao se atingir uma suposta verdade incontestável. Teria sido com este propósito, por exemplo, que foi criada em 1916 a Sociedade Brasileira de Ciências, que viria a se chamar Academia Brasileira de Ciências, em 1921¹². Logo, a ciência que procurava purificar-se das impurezas literárias necessitava, tal como a literatura, especializar-se e autodefinir-se em um espaço teórico específico e com uma linguagem própria. Na Europa, este

¹⁰ Ibid.

¹¹ A euforia em torno destas novas teorias se deu por meio de profissionais que realizavam os trabalhos mais significativos em termos científicos, os médicos e engenheiros, cujo exemplo mais conhecido é a reforma urbana da cidade do Rio de Janeiro na administração do prefeito Pereira Passos entre 1902 e 1906, que representou a tentativa de sepultar as velhas tradições da época colonial e promover o avanço e o progresso brasileiro, bem como a “regeneração” da sociedade através dos saberes utilitários no campo da higiene e da arquitetura. ALVES, José Jerônimo de Alencar. As ciências na Academia e as expectativas de progresso e modernização: Brasil - 1916-1929. In: DANTES, Maria Amélia M., op. cit, p. 185-202.

¹² Ibid, p. 188-189.

movimento já havia se iniciado e o maior exemplo de especialização da ciência pode ser encontrado na trajetória decadente do naturalista francês Buffon (1707-1788), que exerceu grande influência sobre os intelectuais brasileiros da época. Sendo um homem de ciência, cujo talento de escritor impressionava inclusive Baudelaire, afirma Dominichi Miranda de Sá, Buffon assistiu o declínio de seu prestígio de cientista justamente pela sua qualidade de literato¹³:

Na Europa, os valores então definidos como “literatos” já estavam totalmente discriminados dos procedimentos entendidos como próprios ao domínio científico, como pesquisar, explicar, descrever, testemunhar, provar, indiciar, registrar, avaliar, estimar e conferir estimativas. E sem demora, essa reputação se ancorou entre as elites letradas do Brasil, assim como reverberaram entre elas as repercussões sobre a internacionalização dos cânones científicos¹⁴.

No Brasil, este processo se iniciou em fins do século XIX quando a “cultura livresca” passou a ser vista como prejudicial ao ensino prático da ciência nos espaços de fomento e difusão do conhecimento científico, como as escolas de medicina e engenharia, acarretando em mudanças na grade curricular e nas estruturas destas instituições. Com a introdução da microbiologia desenvolvida por Pasteur, que deslocava as investigações sobre as enfermidades a partir dos estudos do meio e do clima para os micro-organismos, o saber livresco foi identificado como abstrato. Foi necessário então um desenvolvimento das instalações das faculdades, com novos laboratórios, equipamentos e reagentes químicos, o que exigia treinamentos específicos. Foram suspensos antigos procedimentos, como as sabatinas e a leitura dos compêndios de literatura estrangeira, passando a ser exigida dos estudantes a investigação de um certo número de fenômenos naturais. Mudanças que estavam ocorrendo em outros níveis institucionais da sociedade, como no ensino primário e secundário, uma vez que a ciência se tornava não apenas uma modalidade de conhecimento, mas uma atitude perante a realidade e sinônimo de “progresso”, avanço material, felicidade e melhoramento do homem, ao mesmo tempo em que ocorria um descrédito dos campos tradicionais de conhecimento, como a filosofia:

Como se vê, no Brasil, mas também na Europa, a virada do século XIX para o XX pode ser caracterizada por uma sorte de fascínio pelas descobertas científicas. A ciência era considerada, simplesmente, a mais elevada significação da inteligência humana. Tinha a missão suprema de informar a

¹³ Sobre a trajetória do conde de Buffon, ver LEPENIES, Wolf. *As três culturas*. São Paulo: EDUSP, p. 250, 1996.

¹⁴ Sá, Dominichi Miranda de, op. cit., p. 61-70.

origem e o futuro dos homens e do universo, tendo ainda a responsabilidade de ditar as regras de bom comportamento para toda a sociedade¹⁵.

Concomitante ao processo de consolidação da ciência em todos os níveis sociais e a crença nela depositada como vetor do desenvolvimento da sociedade, surgiu uma certa desconfiança quanto à sua capacidade de subsistir como campo ilimitado e irrestrito de investigação, ou seja, suspeitava-se de um possível esgotamento dos seus próprios avanços e progressos, bem como da eficácia de seus saberes cada vez mais fragmentados. Na Europa, crescia a decepção em torno das promessas não cumpridas pela ciência, como o “melhoramento” do homem. Para evitar um possível dismantelamento das conquistas científicas, surgiram algumas propostas, como a de Henri Berr, cuja ideia era a de unificar os saberes moleculares produzidos no campo científico. No entanto, como é notório, a ciência não parou de avançar, de estabelecer-se e de fazer novas conquistas¹⁶.

Para nós, o mais importante é perceber que talvez tenha sido este receio de ver fracassar o projeto científico – mesmo depois de dadas como certas e consumadas as especializações de cada esfera – o responsável por não haver, neste momento da virada do século no Brasil, a separação definitiva entre estes dois campos de saberes. Como exemplo, podemos mencionar, em primeiro lugar, que a instituição encarregada pela especialização da literatura não teria promovido em seu próprio espaço físico a separação entre literatura e ciência, ao menos no que diz respeito aos seus representantes. Se não bastasse o fato de que alguns de seus fundadores, como Araripe Júnior, ainda estavam presos à antiga tradição enciclopédica, lembrando que o combate a este *corpus* de conhecimento teria sido a razão de sua fundação, a Academia Brasileira de Letras (ABL) acolhia indivíduos das mais diversas áreas, como Oswaldo Cruz (1872-1917), que ocupou a cadeira em 1912 deixada pelo escritor Raimundo Correia (1859-1911) em virtude da sua morte. Tido como homem de ciência, médico, bacteriologista, epidemiologista e sanitariano, o ingresso de Oswaldo Cruz na ABL não se deu sem uma grande polêmica que mobilizou o meio intelectual carioca da época, a ponto de obrigá-lo a não frequentar a casa e se ausentar de suas reuniões.

Afrânio Peixoto, que recebeu Oswaldo Cruz em sua posse ocorrida apenas um ano depois, em 1913, tratou de defender o colega das injustificáveis críticas, segundo ele, feitas acerca da vitória da candidatura de Oswaldo Cruz à ABL, cuja base era justamente o fato

¹⁵ Ibid, p. 90.

¹⁶ Ibid, p. 93.

de que o renomado bacteriologista teria dedicado toda sua vida à ciência e não às artes. Os expedientes utilizados por Peixoto, ele mesmo um representante do hibridismo que caracterizava a ABL, como veremos, mantiveram-se no plano das comparações. Primeiro comparou a ABL à sua correspondente na França, a *Académie Française*, que de acordo com ele também agraciava com os louros da imortalidade as grandes expressões de todas as áreas da produção intelectual. Afrânio também argumentou que a abrangência da ABL de querer premiar as maiores inteligências independentemente de seu campo de atuação, conferindo-lhes consagração e glória, devia-se ao fato de que a característica que a definia era a de ser “feminina”, agindo como as mulheres que tratam de obter o maior número de joias possível que estão ao seu alcance. Preconceito à parte, outra estratégia comparativa utilizada por Afrânio ao defender Oswaldo Cruz revela o que a literatura e a ciência passaram a significar neste início do século XX.

Para ele, não havia tantas diferenças assim entre uma e outra, já que tanto a literatura como a ciência destinavam-se a garantir o bem-estar dos indivíduos, resumindo-as no fato de que a primeira procurava entreter e distrair os leitores, transportando-os, por meio das suas imagens, figuras, intrigas e enredos, da realidade dura e cruel para o mundo dos sonhos, ao passo que a segunda procurava deixar a vida mais saudável, fácil, confortável de ser vivida pela humanidade. Enfim, Oswaldo Cruz foi empossado e em seu discurso estabeleceu as diferenças que o separavam de seu antecessor, dizendo que enquanto aquele se dedicava ao fazer literário, ele se entregava à investigação científica, não deixando também de mencionar o que os unia, pois, conforme afirmava, Raimundo Correia tinha pavor das doenças infecciosas que ele tentava eliminar¹⁷.

Seja como for, o importante é perceber que a literatura e a ciência seguiram se encontrando por muito tempo, não apenas nos saguões da ABL, com o ingresso de outras figuras da época, ainda sob forte polêmica, sobretudo médicos almejando a glória literária, como Miguel Couto, Aloísio de Castro e Roquette-Pinto, mas também no campo teórico, ou seja, na construção do conhecimento médico amparado no fazer literário, principalmente em relação à insanidade e suas variações, como revela o prefácio de Afrânio Peixoto à obra *Miss Kate*, de Araripe Júnior.

A esse respeito, vale a pena mencionar um fragmento de seu discurso proferido na ocasião de sua posse da cadeira de Higiene e Medicina Legal na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1906, cujo teor provocou um certo desconforto e levou ao debate seus

¹⁷ Ibid, p. 145.

colegas de profissão presentes na cerimônia, conforme salienta Mariza Corrêa¹⁸. Neste texto, Afrânio Peixoto revela sua indignação em relação à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, considerada por ele uma instituição fúnebre, já que possuía apenas uma única cadeira de Higiene dedicada à saúde, a mesma que lhe era conferida, o que, no seu entender, demonstrava o interesse da grande maioria dos médicos pela doença e pela morte, assumindo, para nossa surpresa, uma profunda descrença no saber médico e em sua capacidade de cura:

Neste fúnebre aparelho (Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro), como ironia macabra de humorista, uma só, essa singular cadeira de Higiene, dedicada à Saúde. É do que menos se trata, naturalmente, nas Faculdades de Medicina; é o que não nos importa, está bem visto a médicos consagrados à doença e à morte; foi à cadeira que conferiste ao cético que vos bateu à porta do templo, ao livre pensador a quem quisestes gratificar com um sinal de tolerância e imparcialidade. Pois que a saúde deveria ter aqui o contraste de uma representação, voto díspar entre tantos, fosse dada à um descrente, incapaz de malfazer à nossa santa religião médica. (...) Entretanto senhores, eu não comungo da vossa crença e não acredito na medicina – não tanto por despeito de desajeitado porque nem lhe tentei jamais o exercício, mas, e perdoareis esta pequenina, senão ridícula desforra, mas como vítima que tenho sido dela, da sua incapacidade de tratar os males que não se curam de si mesmos – creio fervorosamente na Higiene, como todos, aliás, que logrem ser sinceros¹⁹.

Essa distinção feita pelo autor entre “medicina” e “higiene”, na qual privilegia a segunda em detrimento da primeira, somente assume uma importância significativa se considerarmos que enquanto a medicina de maneira geral era vista, desde o século XIX, como um campo de investigação destinado a atacar as causas imediatas das doenças, a higiene era tida como ciência capaz de promover o desenvolvimento de técnicas aplicáveis ao corpo social no sentido de evitar as enfermidades que poderiam surgir, alastrando-se como epidemias. Assim, é possível afirmar que no fragmento acima não se trata de ceticismo absoluto nas ciências médicas, mas simplesmente de um mero deslocamento de seu campo de ação.

A descrença na medicina irá reaparecer em 1909 no prefácio de Afrânio Peixoto à *Miss Kate*, tendo agora como contraponto não mais a higiene como instrumento com o qual pretende fustigar a área médica, mas a literatura como campo privilegiado da produção do conhecimento acerca das enfermidades mentais em situação vantajosa se comparável à medicina, sendo que ele mesmo se dedicava ao desenvolvimento e

¹⁸ CORRÊA, Mariza. *As Ilusões da Liberdade*: a Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil. São Paulo: EDUSF, 1998.

¹⁹ *Ibid.*, p. 208.

divulgação de saberes médicos sobre estas enfermidades, como no trabalho publicado em 1905 em coautoria com Juliano Moreira (1873-1932), cujo título era *A paranóia e as síndromes paranóides*.

O autor inicia o prefácio à *Miss Kate* com dois fragmentos distintos entre si retirados de obras literárias, seja no que diz respeito ao conteúdo, bem como ao tempo e ao espaço a que pertencem²⁰. O primeiro, citado com sarcasmo em 1882 por Machado de Assis em *O Alienista*, se refere ao princípio da era clássica acerca da razão, tida como a região na qual todas as faculdades humanas se encontrariam em seu perfeito estado e equilíbrio, ao passo que fora dela nos depararíamos apenas com a loucura e nada mais: “A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia, insânia, e só insânia”. A outra citação, escrita no início do século XVI por Erasmo de Roterdã em *O Elogio da Loucura*, apresenta um tema que de certa forma será resgatado na modernidade por vários intelectuais do século XIX, uma vez que sustenta que todo o existente estaria atravessado pela loucura, afirmação que orientará a discussão de Afrânio Peixoto acerca da insânia, da literatura e da medicina, chegando ao ponto, como já mencionamos, de defender o fazer literário como o caminho que levaria a um conhecimento mais amplo e preciso sobre a insanidade: “A Natureza, mãe providente, dispôs que tudo na terra fosse temperado com um grão de loucura...”²¹

Para Afrânio Peixoto, não passava da mais pura e trágica verdade, embora parecesse uma ironia “levemente cômica” de Erasmo, a afirmação de que a insanidade que se encontra em todo o mundo estaria na origem da própria criação. Como nota o autor, somente em épocas de trevas, se referindo tanto ao passado como ao presente, onde a obscuridade causaria a cegueira no homem, à humanidade não seria revelada esta verdade. Por exemplo, para os padres na Idade Média, afirma o escritor, que depositavam toda a sua crença na soberania da alma, baseados na prolongada “tolice antropocêntrica” que viria dos “primatas” e que ainda viria disfarçada nos “super-homens prognerados”, a loucura seria um privilégio dos homens, já que sob o julgamento dos membros da Igreja as mulheres sequer possuíam alma. Na visão de Afrânio, o mesmo equívoco seria cometido por filósofos não muito distantes de seu tempo, a exemplo de Malebranches, que se negavam a reconhecer a sensibilidade nos animais. Nos dois casos, conclui Afrânio, somente o homem teria o privilégio da insânia – termo utilizado pelo autor como sinônimo de loucura –, deixando de fora todos os outros seres. Essa situação teria se

²⁰ PEIXOTO, Afrânio. Prefácio. In: ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. *Miss Kate*. Rio de Janeiro: Livraria Clássica, p. V-XXVI, 1909.

²¹ *Ibid.*, p. V.

agravado com a longa evolução filosófica através dos séculos, prossegue ele, quando a alma foi substituída pelo cérebro e este tido como o espaço da razão, fazendo da loucura uma enfermidade tipicamente humana, já que ela passou a ser vista como um elemento estranho a essa região ou uma desordem desse órgão que concentraria todo o sistema nervoso dos indivíduos:

A mesma ciência, revendo na paleontologia os arquivos da criação, pretendia, pela autoridade de Cuvier, uma ascendência hierárquica da espécie, e, examinando o inventário da história natural, pelo critério de Geoffroy Saint-Hilaire, reclamava para o homem um reino honorífico que o separasse da ralé zoológica²².

Todavia, como nota Afrânio, foi a partir de um certo Gall, com seus tratados de “psicofisiologia”, chegando a Pierquin, que em 1839 tivera a coragem de publicar o seu *Traité de la Folie des Animaux*, continuando com a ética zoológica em Prichard, Darwin, Romanes, Houzeau, Espinas, Forel, Bucher, Lubbock etc., e por meio da observação e experiências da fisiologia, da patologia e da sociologia dos animais é que se conseguiu estender a loucura para todas as espécies, apenas confirmando o que Erasmo de Roterdã havia dito há muito tempo com acerto: “Estávamos irmanados, em princípio, os homens e os brutos nesse favor da loucura”²³.

Mas para que a afirmação de Erasmo soasse como uma “verdade eterna” seria ainda preciso, continua Afrânio, que se apagasse a diferença entre os animais e as plantas, para que depois se desfizesse outra separação que seria entre os corpos brutos e vivos, satisfazendo, desta forma, “as reivindicações dos outros comparsas da natureza” que reclamavam uma centelha da loucura, o que se daria com o desenvolvimento da ciência, ampliando seus conhecimentos sobre a insanidade. Aliás, como já indicariam as hipóteses atuais da física, segundo Afrânio Peixoto, para a qual a matéria aparentemente inanimada ou seus “avatars”, como o éter, os íons, os átomos, as moléculas, enfim, teriam uma alma eterna que nada mais seria do que uma energia observada por meio das vibrações, das atrações, das afinidades, dos movimentos, e que também experimentaria fadigas, rupturas, necessidade de defesa, adaptação, migração, cicatrização, crescimento etc.:

E até, num intuito de simplificação inteligente dessa fenomenologia natural, a físico-química contemporânea estuda a fadiga da elasticidade, a fadiga do tato elétrico dos metais, a defesa das ligas, a ruptura, a adaptação do vidro à flexão, a migração das partículas materiais, a cicatrização, crescimento e geração dos corpos cristalinos, e até a criação dos cristais de

²² Ibid, p. VII.

²³ Ibid, p. VIII.

glicerina, fatos todos dessa energia complexa, cujo transunto mais aparente é a vida, que nossos sentidos imperfeitos e nossa inteligência rudimentar sentem passar do cenário da natureza²⁴.

Contudo, afirma o médico, se dessas noções, em toda a sua extensão, não se pode ainda delinear uma forma específica e definida quanto à loucura, isso se deve à estreiteza e à miopia científica de sua época que estava ligada às forças do passado. Na verdade, para o escritor, a loucura até agora teria sido deformada e diminuída no “espelho côncavo de nossa imaginação”, ou seja, reduzida ao cérebro, que era a última expressão da “evolução da matéria” e herdeira de todos os modos de ser de seus “antecedentes físicos e biológicos”. Era necessário, exclama ele, buscar uma característica que a definisse na “extensa natureza, de que é uma fortuita, mas imanente condição”. Porém, já palpitariam verdades, ou pelo menos ideias fecundas, acerca da grande extensão da loucura. Um exemplo seria a hipótese aventada pela psicologia contemporânea, continua Peixoto, que diz respeito à assimilação da superioridade de espírito e da rebeldia social ao processo complexo das “phrenoses”, definida na sentença, ao que tudo indica retirada por Afrânio Peixoto de *Pecados* (1889), de Medeiros e Albuquerque (1867-1934): “O gênio, a loucura, o crime. São faces de um só cristal”²⁵. Outro exemplo, observa Peixoto, seria a “loucura celular”, que consistiria na produção de um “tecido morbito, diferenciado e monstruoso” a partir de células saudáveis, da mesma maneira que do núcleo de ideias salutares se produziriam as “enfermidades dos delírios vesânicos”, ideia considerada por ele como a mais brilhante da anatomia patológica e que teria surgido das investigações sobre a origem dos tumores malignos.

Mas, se até agora Afrânio Peixoto se esforçou em nos convencer da abrangência da loucura e sua penetração em toda a dimensão da realidade, foi com a intenção de priorizar o fazer literário em detrimento às investigações científicas no estudo da loucura, pois, para o médico escritor, se é tão amplo o domínio da loucura na natureza, por que então a insanidade, sendo uma condição intrínseca da existência humana, se restringiria ainda a uma pequena minoria insignificante estudada com raridade e segregada nos hospícios, mecanismo voltado mais para a defesa de todos do que para o interesse de cada um?

Para Afrânio, isso ocorreria apenas com os casos mais extremos de manifestação da loucura em que os indivíduos se tornariam incompatíveis com a vida social, exigindo “segurança própria e respeito alheio” e, conseqüentemente, a internação, permitindo estudos sobre sua loucura e

²⁴ Ibid, p. XII.

²⁵ Ibid, p. XI.

seus efeitos. Logo, desses casos mais urgentes que exigem toda a atenção dos poderes constituídos, os médicos só conheceriam os que acabariam com a saúde do paciente, ignorando as outras manifestações da loucura, cuja principal característica, como já foi observado, seria a de ser difusa, ou seja, “extensa e variada, em gradações infinitas de intensidade e aparência”, das quais apenas uma pequena parcela reclamaria “assistência social”²⁶.

Por conseguinte, habituados a considerar apenas a loucura hospitalizada ou “hospitalizável”, não “logrando distinguir a verdade que lhes avizinhava”, não seria de se estranhar que os médicos ou os especialistas conhecessem uma pequena dimensão desta enfermidade, perpetrando um hábito secular, o que justificaria, por exemplo, a incapacidade que teriam de explicar como brotavam os “delírios vesânicos” dos estados normais. Acrescenta-se a esta situação, diz Peixoto, o fato de que a psicologia científica tinha de idade apenas uma porção do século passado, enquanto a psiquiatria filosófica engatinhava apoiando em seus braços.

Mas se a miopia médica e a cegueira filosófica não permitiam enxergar, o fato é que no campo da “literatura” e das “belas-artes”, dispondo apenas da observação, podiam-se antecipar séculos de investigação científica sobre a loucura, como demonstra toda a produção literária da tragédia grega ao drama escandinavo, prossegue ele, na qual teria se acumulado um enorme arquivo de “observações exatas” sem os alardes dos profissionais que só agora lhes dedicavam estudos por meio de uma “pré-ciência”:

A epilepsia psíquica de Orestes, a histeria de Hamlet, a dissolução paranóica de D. Quichote antecederam de muito as noções das equivalências mentais das crises convulsivas, da possibilidade de atingir a nevrose proteiforme ao sexo masculino, da organização sistemática das delusões e sua ruína numa lenta desagregação demencial²⁷.

É importante perceber que quatro anos antes, em 1905, quando Afrânio Peixoto publicou em parceria com Juliano Moreira o artigo *A paranóia e as síndromes paranoides*, no qual procuraram definir, para uso clínico, quais quadros poderiam ser classificados como “paranoicos”,

²⁶ Segundo Cleber Santos Vieira, embora Afrânio Peixoto tenha assumido em diversos momentos uma postura crítica e de oposição ao governo de Vargas, contra o qual alardeava em várias ocasiões valores e ideais democráticos, participou ativamente da comissão destinada a reformular e a modernizar a polícia em 1930, apesar de ser um dos primeiros a se opor ao ingresso de Getúlio Vargas na ABL. VIEIRA, Cleber Santos. A ausência do Congresso do Mundo Português no ensaio História do Brasil, de Afrânio Peixoto. São Paulo: História (UNESP, Impresso), vol. 29, n. 1, p. 289-307, p. 293, 2010.

²⁷ PEIXOTO, Afrânio, op. cit., p. XV-XVI.

a dificuldade do diagnóstico em termos científicos já era indicada, justamente pelos fatores de abrangência temporal e de espacialidade que o olhar médico não dispunha, uma vez que ambos os autores defendiam neste texto que para considerar alguém paranoico seria necessário investigar o indivíduo em toda a sua história de vida e seus detalhes, antecipando, deste modo, a questão que permitiria a Afrânio Peixoto, anos depois, colocar os escritores de ficção em vantagem em comparação aos cientistas²⁸.

É neste sentido, portanto, que para Afrânio Peixoto os “homens de ciência” estariam atrasados na observação e conhecimento da loucura, ao passo que os artistas a perceberiam muito antes e de maneira muito mais profunda, examinando fartamente o que existia por toda parte, como indicaria o “ilustre psiquiatra” eslavo: “É parte mínima dos alienados, diz Orchansky, a que se encontra nos asilos, na Rússia; ao invés, grande massa de muitas centenas de milhares desses inválidos do espírito vive em liberdade”²⁹.

Desse modo, não é surpreendente o vasto quadro clínico traçado pela literatura russa, como demonstram as obras de Gogol, Turguenieff, Garchine, Tcherkhof, Tolstoi e, principalmente, Dostoievsky, que teria atingido a maior “retentiva” do sofrimento humano. Mas esta realidade não seria um privilégio da Rússia, afirma Afrânio Peixoto, e sim do mundo inteiro. Porém, ao defender a autoridade dos artistas sobre a loucura em detrimento à dos especialistas, não significa que Afrânio estaria condenando o saber médico, pelo contrário, trata-se apenas de uma pequena acomodação de competências.

No seu entendimento, o campo da literatura não oferecia a oportunidade de se apreender as inúmeras variações da loucura apenas porque os escritores cobririam toda a realidade social com seu olhar perscrutador, enquanto os médicos voltariam sua atenção ao pequeno universo das instituições médicas, contentando-se com a “fauna dos hospícios”. É que, na verdade, para Afrânio, os escritores se apoiavam em uma estratégia que marcaria o próprio fazer literário na modernidade, ou seja, na análise, em termos médicos, de si mesmos levada às últimas consequências, integrando o “conhecimento humano”, isto é, o saber científico, com as “observações profícuas” de sua própria natureza, ou em suas palavras, de sua “história natural”.

²⁸ Sobre este artigo de Afrânio Peixoto e Juliano Moreira, ver ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. Ordenando a babel psiquiátrica: Juliano Moreira, Afrânio Peixoto e a paranoia na nosografia de Kraepelin (Brasil, 1905). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, vol. 17, supl. 2, p. 495-514, 2010.

²⁹ PEIXOTO, Afrânio, op. cit., p. XVI.

Logo, o artista, como nenhum outro, poderia falar com tanta precisão sobre a insanidade, já que ao debruçar-se sobre a “fauna de loucos” que preenche toda a realidade social, e não apenas aquela que se encontra cerrada nas instituições hospitalares, como faria o médico-cientista, cuja miopia também se deve ao seu próprio enclausuramento, se voltaria para si mesmo, ou melhor, para a própria insanidade que o ofício literário desencadearia na representação da loucura, prevenido e amparado, obviamente, pelo conhecimento técnico. E é somente com este círculo fechado que para Afrânio Peixoto a ironia de Erasmo – a insânia é a “centelha divina da origem” do mundo –, poderia ser confirmada. Porém, ela só o é por meio daqueles “espíritos leves”, ou seja, os poetas, cuja característica seria uma “ênfase ingênua”, mas que, dada a característica de seu ofício e da posse de saberes científicos, perceberia a loucura em toda a sua manifestação, fatalidade da qual eles próprios não escapariam, pois no cumprimento de sua tarefa teriam que lidar com estes “claros e escuros da vida” que marcariam toda a “perspectiva” criativa do escritor: “É uma ironia de Erasmo, levemente cômica, mas cruelmente verdadeira, como toda ironia, de que apenas os espíritos leves têm visto a face aprazível e ainda os mais refletidos desatendem ao avesso tremendo”³⁰.

De acordo com Afrânio Peixoto, esses pensamentos lhe teriam acudido ao espírito durante a leitura da obra de Araripe Júnior, *Miss Kate*, quando, diante de uma observação tão exata, tão precisa do autor e que o próprio médico sente por intuição como realidade frequente, mas que não teria sido revelada pelos profissionais da medicina por conta da exposição acima, não teria conseguido conter “as generalizações” que procuramos abordar neste artigo. Para ele, nem os asilos, nem as casas de saúde, nem os diagnósticos clínicos, nem os tratados de doenças mentais trariam casos como o de Agripino Simões, personagem principal da obra, tão representativo de um grande número de vesanos, desequilibrados ou “semidoidos” que perambulavam pelas ruas das grandes cidades.

Para Afrânio, *Miss Kate* poderia ser lida de duas maneiras. Primeiro, como obra de arte, por fixar um momento da dor humana com a precisão fotográfica que dificilmente a retina da observação científica conseguiria. Mas também como obra científica, na medida em que expande e completa a recente noção da época sobre a “psychastenia e das nevroses congêneres”, sem que fosse este o objetivo, pois *Miss Kate* teria sido fruto de trabalho de um “literato” que dispõe apenas do prestígio de possuir a faculdade da boa observação. Portanto, na opinião de Afrânio Peixoto, a obra de Araripe Júnior seria a união entre dois

³⁰ Ibid, p. V.

gêneros aparentemente distintos, mas que se complementariam, visto que como obra literária poderia ser enquadrada como uma sequência nova das páginas de Dostoievsky, por outro lado, como trabalho científico, seria um “complemento amável do II volume da obra magnífica de Janet e Roymond”.

Importa-nos notar que a literatura ressurgiu (ou nunca teria deixado de ser) como uma alternativa aos profissionais da ciência na virada do século XIX para o XX, não apenas porque se pressentia um suposto esgotamento do campo científico enquanto espaço da pesquisa e da teoria, mas também porque se percebia o quão ineficaz a ciência era, em comparação à arte, nas investigações e descobertas de determinadas doenças, ou melhor, de certas características humanas. Contudo, se em especial a literatura foi vista como instrumento mais eficaz no conhecimento humano, isso não aconteceu apenas devido ao seu amplo campo de visão, mas por aquilo que ela oferecia e que teria sido objeto de extensa campanha dos homens de ciência para que fosse eliminado de seu campo teórico por ter sido considerado um “empecilho” ao desenvolvimento científico. A genialidade artística que também trazia em si a centelha da loucura e com a qual o escritor investigaria a insanidade alheia e sem a qual o conhecimento sobre as doenças mentais se tornaria deficitário, ao menos nas palavras de Afrânio Peixoto. Mas também nos dizeres de Araripe Júnior, quando afirma que Machado de Assis, por exemplo, teria sofrido com o cansaço e a tortura produzidos pelas “convulsões” causadas pelo seu “pensamento infernal” em função da composição de algumas de suas obras, chamadas de “terríveis” pelo crítico escritor, referindo-se mais ao processo pelo qual Machado de Assis as teria concebido do que à trama em si, como *O Alienista* (1882) e *O Lاپso* (1884). Estas obras, segundo Araripe, teriam determinado a evolução de seu “espírito”, como se poderia perceber nos jornais da época por meio de seu “cabriolar”, um estado que havia se desenvolvido desde a escritura de *Brás Cubas*, considerado por Araripe Júnior como “o livro mais estranho que se publicou em língua portuguesa”³¹.

Já no que diz respeito a Afrânio Peixoto, nosso próximo passo é o de investigar, em um trabalho futuro, o quanto o fazer literário teria sido utilizado na produção de seu conhecimento científico, por exemplo, no campo da medicina legal, se é que isso teria ocorrido, visto que era um defensor da profissionalização da literatura nos termos em que a trata Dominichi Miranda de Sá, ou seja, como artefato de entretenimento,

³¹ ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. Lucros e Perdas. In: COUTINHO, Afrânio (org.). *Obra Crítica de Araripe Júnior*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, vol. 3 (parte 1), p. 351, 1970.

o que se percebe, em uma rápida revista, em sua produção literária a partir de 1910. Enfim, trata-se apenas de verificar nas obras de Afrânio Peixoto a relação entre ficção e ciência, dado que ele foi um personagem que desempenhou um papel marcante no jogo político que envolveu o universo das instituições de saber de sua época.

Recebido em: 20 de julho de 2013

Aprovado em: 8 de março de 2014